



NOVAS TRAMAS DE GÊNERO: A ESCOLA TÉCNICA REDENTORISTA EM CAMPINA GRANDE-PB (1975-1985)

Jussara Natália Moreira Bélens
jussarabelens@gmail.com
(UFPB)

Resumo

O presente trabalho busca compreender a inserção de moças e rapazes em cursos de eletrônica e telecomunicações na Escola Técnica Redentorista, em Campina Grande-PB, tomando como recorte temporal os anos de 1975-1985. Devido à lacuna ainda existente de registros sobre tal instituição educacional durante este período, torna-se relevante a escrita da história das relações de gênero tecidas nesta, que é reconhecida pela comunidade campinense por sua forte contribuição ao longo do processo de crescimento social, econômico educacional e cultural desta cidade. Ainda no século XX, evidencia-se a nítida fronteira entre o espaço do trabalho de mulher e de homem. Às mulheres fora destinado o espaço privado da casa, lugar do cuidado da família e dos filhos. Contudo, muitas mulheres não conseguem manter-se nesta condição de apenas esposa e dona de casa; por falta de condições econômicas, desprovidas de meios para sustentar-se a si e a sua família, passam a trabalhar e estudar em áreas relacionadas ao feminino, similares às realizadas no cuidado dos outros, como professoras, enfermeiras, costureiras, manicure, cozinheira, atividades reconhecidas como de mulheres. Uma realidade ainda presente em Campina Grande em uma configuração histórica em que as mulheres em nível nacional se organizavam, reivindicando igualdade de condições em relação ao homem, aspirando à sua emancipação política, profissional e sexual. Nesse sentido, realizamos pesquisas nos arquivos da escola, em jornais locais que registram a participação feminina nos cursos de eletrônica e telecomunicações, assim como por meio de narrativas de ex-alunas/alunos da ETER, buscando perceber as relações de gênero ali engendradas. A história oral se faz valiosa para os fazeres acadêmicos que valorizaram os silenciados da história tradicional (as mulheres, as crianças, etc.), todos que foram negligenciados pela historiografia positivista.

Palavras-chave: Gênero. Memória. Educação profissional.

Introdução

Dentre os “melhores” que passavam pela peneira seletiva da ETER, encontravam-se moças pobres que, impulsionadas pelos ímpetos da realização profissional, marchavam rumo à felicidade ou à “liberdade”. Meninos/homens e meninas/mulheres de 14-18 anos que deveriam ser competentes nas disciplinas de matemática, física e química, áreas de conhecimento anteriormente só delegadas ao masculino pela sociedade sexista, que lhe atribuiu qualidades de raciocínio lógico, inerentes a essas especialidades.

A partir dos anos 1960 a sociedade campinense influenciada por uma perspectiva técnico/racional, disseminada pela ideologia desenvolvimentista, impulsionou as mulheres a





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

almejem a sua capacitação para atividades que requeriam “competências” em cursos que exigiam mais racionalidade, como os de Eletrônica e Telecomunicação num mundo “criado” e “modelado” para os homens. A participação feminina nestes cursos técnico-preparatórios demonstra uma ruptura com valores socialmente construídos e perpetuados como verdade absoluta, pois a sociedade naturalizou a emoção, a fragilidade, a irracionalidade como qualidades imanescentes do feminino.

Analisando a inserção do feminino na ETER dos anos de 1975-1985 registra-se no curso de Telecomunicações 39 alunas e 279 alunos. Enquanto matriculados no curso de Telecomunicações de Eletrônica tem-se 37 alunas e 279 alunos. Por que apesar da ETER oferecer cursos técnicos para ambos os sexos percebe-se ainda a predominância de homens nos cursos de Eletrônica e Telecomunicações? ¹

O número reduzido de matrículas do sexo feminino salta aos nossos olhos em um contexto em que as mulheres lutavam por seu reconhecimento no mercado de trabalho, por igualdade de salários em relação à remuneração masculina ou pela aceitação por parte de empresas que ainda refutavam a admissão de funcionárias do sexo feminino. Uma realidade particular quando moças passam a cursar áreas que a sociedade julgou apropriadas para o sexo masculino.

De acordo com os dados acima, em dez anos a ETER (1975-1985) colocou no mercado de trabalho 37 jovens mulheres técnicas em Eletrônica e 39 técnicas em Telecomunicação, contribuindo para a expansão do feminino em áreas profissionais até então ocupadas por homens. Algumas dessas técnicas também foram contratadas pela Zona Franca de Manaus. Esse contingente viria a se somar às graduadas em engenharia e similares pelo Campus II da UFPB, quanto à presença feminina no mercado de trabalho local e regional.

Mesmo com as restrições reais em relação à capacidade feminina no desempenho de atividades que requeriam racionalidade, persistência, lógica, as mulheres passaram cada vez mais a frequentar os cursos profissionalizantes especializados em atividades técnicas/racionais. Apesar da ambivalência razão masculina/emoção feminina, “o mundo dos homens”, neste contexto, foi sendo ocupado pelas mulheres.

¹ Informações obtidas em pesquisa realizada no ano de 2010, nas fichas de matrículas dos alunos ETER, dos anos de 1975-1985.

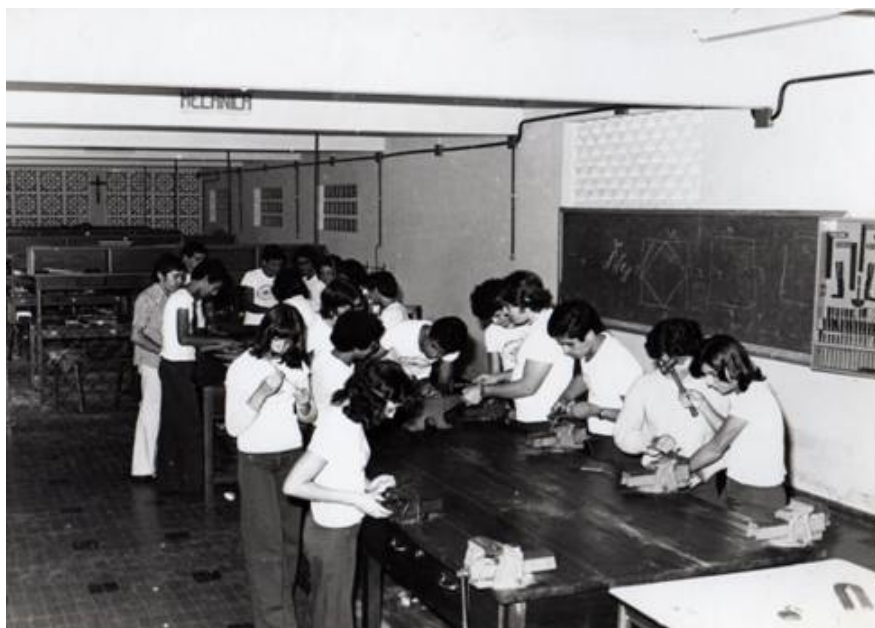




IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Foto 1: Alunos e alunas em aula de laboratório do Curso de Telecomunicação no ano de 1975.



Fonte: Álbum de fotografia da ETER,1975.

Como demonstrado na fotografia acima, a ETER contribuiu com a inserção do feminino em cursos de formação profissional que requeriam qualidades que a sociedade binária e sexista atribuiu historicamente ao masculino. A imagem nos informa uma aparente igualdade entre rapazes e moças manipulando equipamentos na aula de eletrônica, diluindo, assim, a ideia de que cabiam às mulheres apenas os cursos profissionais ligados à maternidade (enfermagem e pedagógico), ao comércio com a expansão comercial ou à contabilidade, motivado pelo crescimento dos bancos e das atividades financeiras nesta cidade. Abrindo o caminho para o desenvolvimento das novas tecnologias e das telecomunicações a ETER qualifica a mão de obra independentemente do sexo para atender a demanda do mercado de trabalho em crescimento.

De uniforme padronizado os alunos e as alunas se misturam nas aulas, posicionando-se e atraindo o respeito dos outros pela competência individual, perspectiva do tecnicismo que investia no mérito pessoal como critério de seleção e promoção.

A ETER, parecendo inovar, possibilita ao feminino ocupar um lugar social que foi atribuído ao homem, redimensionando ideias de segregação profissional, legitimadas por teorias reducionistas desenvolvidas por diferentes pesquisadores que justificavam a não efetiva





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

participação feminina em algumas atividades profissionais pela falta de capacidade psíquica e biológica do intelecto feminino.

Neste momento histórico, a igualdade entre homens e mulheres em relação à oportunidade profissional apresentava-se próxima ao projeto desenvolvimentista assumido pela sociedade brasileira. O que importava era formar um contingente de profissionais capazes de fazer funcionar os motores da nova ordem de produção. O lema era o progresso econômico, característica de uma sociedade que evolui, deixando de ser agrícola, passando a ser industrial, visão positivista que predominava nos horizontes administrativos “das sociedades em ascensão”. Assim, concluíram 261 alunos do curso de Eletrônica entre os anos de 1977 a 1985 e o número de concluintes do curso de Telecomunicações nestes anos foram 82 alunos e alunas.²

Integração da mulher no ritmo do desenvolvimento

A época moderna se caracteriza também pela afirmação da mulher na vida social. A mulher pouco a pouco vai deixando a posição de inferioridade em que foi mantida durante séculos e encontra seu lugar ao lado do homem com igualdade de direitos.

Essa afirmação da mulher se evidencia sobretudo na sociedade urbana e se manifesta através de uma série de aspectos: elevação do nível cultural (aumenta sempre mais o número de moças que frequentam os bancos universitários), qualificação profissional (cada vez mais a mulher passa a ter melhor nível de trabalho técnico), participação política, e outros.

Dentro desta perspectiva, a mulher brasileira passa a ocupar novas funções na vida moderna, sem renunciar à sua missão de mãe. Essa evolução traz um conceito novo na estrutura do matrimônio: a mulher passa a ter direitos e deveres iguais aos do homem, passando ambos a ter responsabilidade do lar, bem como junto aos próprios filhos.

Pode-se facilmente idealizar a situação da mulher na estrutura tradicional da nossa sociedade como a “rainha do lar”. Mas, com frequência, ela foi uma rainha sem trono, e em certos casos transformada apenas numa “escrava do lar”. Isso se deve em grande parte à falta de instrução, e meios para uma adequada reprodução humana.

A grande vítima dessa reprodução incontrolada tem sido principalmente a mulher, que muitas vezes passa a vida toda com uma sobrecarga de filhos superior à própria capacidade de exercer para com eles, de modo digno, a função materna, ou recorrendo, às vezes a meios inadequados e altamente nocivos à própria saúde, como o aborto provocado, para solucionar o problema.

Por vezes, por uma imprudência cometida, ela é reduzida à categoria de “mãe solteira”, lastimavelmente repudiada, ao invés de amparada pela sociedade.

A mulher, no novo conceito social decorrente da evolução moderna, tem já uma dignidade própria, fazendo-se respeitar como pessoa e como profissional. Não impede isso que possa exercer também os seus deveres e direitos de mãe. O importante é que, em todos os casos, a maternidade seja voluntária e que uma mulher tenha apenas os filhos que deseja e pode criar.

A criação dos filhos, supõe, hoje, uma série de requisitos essenciais: cuidados de alimentação adequada, de saúde, de higiene, de educação e instrução.

As campanhas do governo atual têm destacado a necessidade de que todos os brasileiros, velhos, crianças, moços, homens e mulheres deem as mãos para levar adiante o desenvolvimento da nação.

Os programas de planejamento familiar, que têm como elemento essencial a assistência materno-infantil, visando justamente proporcionar às mulheres melhores condições para uma adesão mais plena no movimento de nossa independência socio-econômica.

Planejamento familiar e a promoção da mulher: O movimento feminista pode ser considerado contemporâneo da Revolução Industrial quanto à sua origem. Seus primeiros sinais surgiram em 1789, na época da Revolução Francesa, quando, dentro do movimento das ideias liberais, no caput, a igualdade de direitos, foi assinada sua violação, anterior, privar tranquilamente a metade do gênero humano de participar na formação da lei.

Fonte: Jornal Diário da Borborema, 22/11/1975, p.2

A matéria acima, intitulada “Integração da mulher no ritmo de desenvolvimento”, elaborada em um contexto de proeminência das ideias desenvolvimentistas, foi divulgada em jornal local como uma leitura social de valorização do feminino, mostrando a sua paulatina conquista na participação de atividades profissionais no espaço urbano/moderno associadas à

² Pesquisa realizada, no ano de 2010, nos arquivos da ETER.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

qualificação, seja de nível universitário ou especificamente de nível técnico, conforme salientado no texto.

O discurso jornalístico é o reflexo do reconhecimento da sociedade em torno da necessidade da saída feminina do espaço privado, *lócus* da maternidade e das missões maritais, do cuidado do lar e da família, atribuições que lhe foram conferidas historicamente. Não podemos desconhecer que as mulheres desde muito tempo lutam para romper os cercos da desigualdade de condições de trabalho em relação ao masculino nas sociedades tradicionais e/ou modernas.

Através das pesquisas que fizemos nos jornais Diário da Borborema e A União das décadas de 1975-1985, percebemos a ausência de referência às mulheres ou suas conquistas nas páginas dedicadas à Educação e ao Trabalho. Quando aparecia algo sobre o feminino em poucas linhas sobre mulheres da política que defendiam o direito das outras para serem aceitas pelas empresas locais, nacionais e internacionais para trabalharem e ganharem salários iguais aos dos homens. As páginas policiais publicavam casos de violência contra a mulher, histórias de agressão e assassinatos tendo como autoria homens (maridos, namorados, amantes). O espaço publicitário dos jornais mostravam propagandas de utensílios domésticos, medicamentos, itens de moda. As colunas sociais retratavam as mulheres da elite e artistas, visibilizando suas participações em eventos ou destacando entrevistas em que falavam de si ou de outrem.

Constatamos a existência de mulheres comuns que tecem suas histórias num cotidiano de casa, do trabalho, dos estudos, tramas de vidas invisibilizadas pelos registros jornalísticos de então, provavelmente pela pouca ou nenhuma importância dada a essas mulheres pelos agentes noticiosos. As matérias, os artigos, os editoriais, as entrevistas registradas nos jornais pesquisados são assinados por homens (professores do segundo grau e universitário, jornalistas, políticos) indicando o progresso da educação profissional em Campina Grande e a sua relação com a cidade de forma geral.

A matéria em foco chamou a atenção, uma vez que salta aos olhos da pesquisadora interessada por estudos de gênero. Ainda por estar sendo ressaltada na matéria a conquista das mulheres pela igualdade de condições quando ocupam funções que só aos homens eram





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

permitidas, podendo associar as atribuições do lar, do trabalho e da formação educacional, elemento indispensável para esse reconhecimento.

O paralelo feito entre a mulher na sociedade tradicional como a “rainha do lar”, uma rainha sem trono, transformada em escrava pela falta de qualificação profissional vem ressaltar a ideia vigente na sociedade moderna de um Estado que elege a educação como fator para o desenvolvimento, traduzida pela ênfase no trabalho, requerendo mão de obra qualificada independentemente dos sexos, fortalecendo a massificação produtiva.

A defesa da participação da mulher no mercado de trabalho com “igualdade de condições” com o homem se dá mediante à vitimização feminina. Rejeita-se, pois, um modelo feminino restrito aos afazeres domésticos, e ao cuidado dos filhos, papéis que lhes associados em décadas passadas quando o desenvolvimento social considerava a inserção da mulher nas profissões de enfermeira, professora, primária, secretária, comerciária..

Perseguindo a meta de difundir a formação profissional e alavancar mão de obra qualificada para as novas atividades em expansão, são criados mecanismos sociais para ajudar as mães a cuidarem dos seus filhos, como políticas de planejamento familiar que as ajudarão a escolher o número de filhos que queiram e possam ter, além do apoio aos cuidados das crianças com relação “[...] à alimentação, higiene, saúde, educação e instrução”(Jornal D.B 22/11/1975,p.2).

Nesse sentido, era proposta a redefinição das condições da mulher no cuidado do lar e da família, assegurando-lhe a possibilidade de assumir um papel profissional a fim de atender as expectativas do progresso. Assim, “a rainha do lar” se libertaria para novas possibilidades de vida, quando estas estivessem ancoradas por subsídios sociais, conforme afirma a matéria: as campanhas do governo atual têm destacado a necessidade de que todos os brasileiros, velhos, crianças, moços, moças, homens e mulheres deem as mãos para levar avante o desenvolvimento da nação (D.B. 22/11/1975, p.2).

Essas versões sexistas, ou aparentemente “avançadas” em relação aos lugares sociais permitidas para a participação feminina são analisadas por pesquisadoras que trabalham com as especificidades das relações de gênero, visibilizando assim as condições reais em que se





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

encontram o feminino e o masculino nas configurações históricas, permeadas por suas lutas e conquistas, aceitas muitas vezes pelo modo como afetam as mudanças sociais.

Perrot (2005) aborda a situação “multitarefa” atribuída às mulheres, quando a sociedade espera que elas acumulem o trabalho profissional e o doméstico:

Atualmente, ainda mais do que outrora, as profissões de “mulheres”, aquelas que se afirma serem “boas para uma mulher”, obedecem a certo número de critérios que também determinam limites. Consideradas como pouco monopolizadoras, elas devem permitir que uma mulher realize bem a sua tarefa profissional (menor) e doméstica (primordial). [...] Estas profissões inscrevem-se no prolongamento das funções “naturais”, maternais e domésticas. O modelo de mulher que auxilia, cuja dominação quase biológica, no mundo rural foi descrito por Yvonne Verdier, mulher que cuida e consola, realiza-se nas profissões de enfermeira, de assistente social ou de professora primária. Crianças, idosos, doentes e pobres constituem os interlocutores privilegiados de uma mulher dedicada às tarefas caritativas e de socorro, a partir de então, organizadas no trabalho social (PERROT, 2005, p.251).

A autora assinala em sua análise os lugares que a sociedade brasileira definiu como adequados para as mulheres por longos anos. Associando ao feminino os papéis de mães, alargados por profissões, mas aproximando-as às missões maternais e de cuidadoras. De acordo com a data de publicação desta obra, percebemos que ainda é atual os debates em torno das conquistas paulatinas do feminino para ocupar profissões no espaço público com o aval da sociedade.

Reportagem como a do jornal *Diário da Borborema*, que divulga as ideias de progresso difundida década de 1970 nesta cidade, chamando a atenção das mulheres para saírem da condição de “rainhas do lar” e se profissionalizarem; assim como a citação de Perrot, datada de 2005, denunciando a restrição feita por nossa sociedade dos lugares profissionais definidos como feminino, sinalizam que a discussão de gênero se torna urgente e oportuna.

Entende-se aqui que a educação profissional na ETER faz desta escola um lugar de descontinuidade de valores culturais sexistas que vinham norteando a sociedade, pautada em teorias pseudo-evolucionistas. Estas atribuíam ao feminino qualidades afetividade, sensibilidade e irracionalidade, em contraposição à racionalidade, disciplina, destreza e perspicácia do masculino, afastando as mulheres de lugares sociais, de fazeres e saberes ligados à lógica e ao raciocínio. Por





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

isto, nos interessamos por refletir as relações de gênero nesta configuração política, econômica, social e educativa.

Embora esses escritos denunciem as limitadas possibilidades de trabalho e de qualificação profissional que a sociedade sancionou ao feminino, convém salientar que nesta mesma sociedade existem mulheres à margem, que já realizam atividades que requerem força física ou ocupam cargos executivos, rasgando, invisivelmente, o pano das relações binárias entre mulheres e homens que inter cruzam as diferentes camadas sociais.

A especificidade da ETER desponta como lugar em que podemos visibilizar jovens mulheres que se profissionalizam mediante esforço físico, uma vez que as estagiárias e futuras profissionais em telecomunicações têm que subir em postes de alta tensão a céu aberto para fazerem funcionar as linhas de comunicação telefônicas, ou realizam manutenção de equipamentos que requerem conhecimentos técnicos de física, química, áreas de conhecimento que a sociedade sexista definiu como habilidades masculinas, por exigirem capacidade lógica e matemática, potenciais associados historicamente aos homens.

Ao perceber a ETER como instituição de formação profissional criada na sociedade do progresso, que adota a educação como fundamental para o desenvolvimento, buscamos compreender como se deram essas relações entre mulheres e homens disputando conhecimentos técnicos racionais em um cenário permeado pela desigualdade entre os gêneros. Como foi operada na ETER a referência de que a mulher pode ocupar outros lugares que transcendem as limitações socialmente impostas, conquistando assim a igualdade entre os gêneros? De que modo ocorre a igualdade prescrita pelo reconhecimento oficial da capacidade feminina em qualificar-se profissionalmente para atividades lógicas e racionais?

De acordo com o relato de Rita de Cássia Porto rapazes e moças eram reconhecidos como iguais na ETER, pois era a capacidade individual que era considerada:

Essas meninas eram à frente de seu tempo, pois elas tinham que se impor pela inteligência não apenas como mulheres. As meninas se impunham enquanto mulheres na competência. O próprio padre respeitava as mulheres. Mesmo que os meninos dissessem que as mulheres não tinham competência, mas elas se mantinham na escola pelas notas. Eram ótimas. A média era 8,5, altíssima para a época. E ele era rigoroso, assim, mas não tinha história de menino ou menina, o que eu achava legal. Sabe assim, se você fosse boa, se você fosse inteligente, você tava no meio, entendeu? Teve coordenadora, técnica mulher, é por isso que eu

3102





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

não posso nunca, na história do Redentorista, é diferente eu não vou dizer que outras são do mesmo jeito, eu digo Escola Técnica, porque lá era seleção. Você fazia o melhor currículo era pra ser professor, se fosse mulher, o currículo; fosse uma mulher, era mulher. (Rita de Cássia Porto, entrevista cedida em 15/03/2011).

A afirmação de Rita de Cássia sobre a igualdade entre mulheres e homens na ETER é associada sempre à competência. Segundo a narradora, a média para passar era 8,5”, “altíssima”, como bem salientado por ela. Só os mais capazes poderiam continuar, pois havia uma peneira que definia o mérito pessoal e não excluía pelo sexo. Mas, como bem disse a narradora, “essas meninas eram à frente de seu tempo”. Eram moças que se destacavam frente a outras que somente se qualificavam em outras áreas? Seria por que disputavam conhecimentos em pé de igualdade com os homens em áreas incorporadas à competência feminina?

Rita ainda mostra que os alunos não percebiam as moças competentes, mas, para o padre Pitíá, o que importava eram as médias atingidas, evidências suficientes para atestar a competência destas alunas. Então, ainda que fosse “rigoroso”, o padre respeitava as moças pelo seu desempenho nas avaliações. As desigualdades entre os sexos perdiam-se de vista pelo desempenho individual. O mérito seria o amortecedor das disparidades tão fortemente vivenciadas por outras mulheres que estavam fora daquele lugar, porque na ETER os estudantes que vestiam a mesma farda (calça de tecido vinho e blusa branca).

Verificamos um sentimento de admiração ao padre Pitíá presente nos relatos de Rita de Cássia Porto. Todas as suas narrativas situam o padre Pitíá como uma figura aberta e não sexista, por haver na escola alunas que eram tratadas como os alunos, uma vez que, segundo ela a competências das alunas era o foco do interesse. E as diferenças de gênero deixaram de existir?

Essa aparente “igualdade” era defendida até na contratação de mulheres professoras. Vejamos o que as entrevistas nos contam sobre as docentes ETER:

[...] a maioria era de homens, mas tinha mulher. Não é isso que estou falando. Tinha Moema, Fátima e Paola, essa três foram alunas. E mulheres e tinha mais, professoras. Não tinha isso de discriminar porque o próprio padre não discriminava. Assim, ele tinha um cuidado, mas ele respeitava tanto, entrava homens, mas também entrava mulher. Eram as notas o que valia pra ele, era a maior nota, o mais inteligente. E tem muita mulher inteligente. Então não era assim, mesmo que os meninos tentassem esse discurso de dizer que as mulheres não tinham facilidade para área técnica, mas ele na realidade, ele comprovava que as mulheres eram boas. Engraçado, eu queria ouvir as mulheres pra saber o

3103





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

que elas dizem, sabe, porque eu não conseguia ver esse preconceito (Rita de Cássia Porto, entrevista cedida em 15/03/2011).

Rita Porto salienta que mesmo o corpo docente sendo composto por uma maioria masculina, havia mulheres por elas serem inteligentes, pois, segundo a narradora “[...] tem muita mulher inteligente, [...] mesmo que os meninos tentassem esse discurso de dizer que as mulheres não tinham facilidade para a área técnica, mas ele na realidade, ele comprovava que as mulheres eram boas.” Qualidades como a inteligência, a competência e o bom desempenho eram critérios necessários para o reconhecimento do trabalho de alunas e professoras.

A ETER se constituía como lugar em que a competência individual era o suficiente para assegurar a qualquer jovem a entrada, a permanência e o reconhecimento por parte de professores, do diretor da escola e de outros profissionais de ensino que ali trabalhavam. Embora o número de alunas não passasse de 10% em relação ao de alunos, o mesmo fato ocorria com as professoras, conforme relatado por Rita de Cássia:

Não dava uma dúzia de professoras mulheres. No início, só havia uma professora de português, uma de artes e uma de geografia (Rita de Cássia Porto, entrevista cedida em 15/03/2011).

Nos primeiros anos da escola as poucas mulheres que trabalhavam na ETER lecionavam as disciplinas de humanas como português, artes, geografia, confirmando pesquisas que apontam o maior índice feminino em cursos de nível superior nessa área, a exemplo de Serviço Social, Pedagogia, Letras, Educação Artística, Geografia e História. Na ETER, lugar de igualdade entre os sexos, as poucas mulheres professoras ocupavam as disciplinas que a sociedade sexista delegou ao feminino.

Essa proeminente presença feminina nesses cursos universitários foi detectada em nível nacional nas décadas estudadas por Tabak (2002):

Apesar do ingresso massivo de estudantes do sexo feminino nas universidades, nas últimas décadas do século XX, os dados revelam que, entre os anos de 70 e 90, as jovens que concluíram o segundo grau de ensino continuaram a candidatar-se, no exame vestibular, em proporção muito maior àqueles cursos ditos “tradicionais”, nas áreas das ciências sociais e humanas. Uma das explicações está certamente na persistência de uma forte influência de estereótipos sexuais na educação, bem como de uma sociedade patriarcal ainda dominante, apesar das significativas mudanças no comportamento feminino que tiveram lugar ao longo do século (TABAK, 2002, p.16).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O curioso é que em uma escola de formação profissional de portas abertas para todos os sexos, a maioria dos alunos era composta de homens. Haveria poucas mulheres com competência para áreas de conhecimento em ciências exatas, como matemática, química e física? As inscrições para o teste seletivo registravam maior procura de rapazes, quadro que se repetia nas matrículas e nos anos de estudo nas décadas de 1975-1985. Realidade que se modifica em décadas posteriores em que o número de alunas ETER cresce em torno de 50% em relação ao de alunos, períodos em que são implementados outros cursos profissionalizantes como segurança no trabalho e turismo.

A menção feita à ETER como lugar de igualdade entre os sexos e que colocava a competência como critério para a admissão dos estudantes se diluía quando haviam separações entre os alunos e as alunas, nos grupos de estudo. Uma realidade oposta ao que Rita de Cássia informou: “Mesmo o padre Pitiá sendo rigoroso, respeitava sobremaneira as jovens alunas por seu potencial, demonstrado nas notas”, narrativa que contradiz o que foi enfatizado por um ex-aluno ETER.

A igualdade entre os sexos na ETER, difundida na educação mista não se dava de maneira tão fluída nas relações cotidianas. Durante a entrevista de Oscar de Lira, por exemplo, há citações de segregação entre alunos e alunas, nas aulas de educação física em que moças e rapazes eram separados, ou nos grupos de estudo formado só por rapazes, numa rotina que marcou o cotidiano da ETER:

Eu fiz eletrônica, habilitação em eletrônica que eu lembre era isso, havia uma convivência homens e mulheres. Lá tinha muitos problemas que eu lembre No colégio, inclusive, havia a disciplina de educação física em reservado para as mulheres, as turmas de educação física eram pequenas. Os homens faziam em separado. Havia esse preconceito, não sei, essa concepção de que as mulheres eram menos preparadas ou tinham mais dificuldades em lidar com eletrônica, com a área tecnológica de um modo geral. No próprio colégio, na sociedade, acho que talvez por parte dos alunos, não sei, por parte dos professores, das próprias notas. As mulheres talvez encarassem isso, sentissem mais dificuldade pra aprender as coisas. Não se as notas revelavam em parte isso, mas normalmente os melhores alunos eram homens, eu lembro disso. Eu tive a vantagem de terminar o Redentorista e fui aprovado para Engenharia Elétrica, e o perfil persistiu. Ou seja, as turmas de Engenharia, especificamente de Engenharia Elétrica a minoria era de mulheres, havia até um estranhamento, se via poucas mulheres. Com um tempo a impressão que esse perfil foi sendo alterado. Hoje em dia a gente vê as turmas mais ou menos equilibradas, mas à época, se você fizer uma consulta a Pró- Reitoria de Ensino a de puxar as listas, e vai constatar que as





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

mulheres eram minoria. Ou seja, poucas mulheres se aventuravam à condição de engenheira, então engenheira civil, engenheira elétrica as nossas turmas também. Quer dizer, aquele quadro que eu vi no Redentorista, ao qual me acostumei de ver poucas mulheres, uma proporção maior de homens, ele persiste na universidade, porque à medida que eu ingressei em Engenharia Elétrica, a universidade aquela época funcionava, eu entrei na universidade em 82. Exatamente no ano seguinte, a universidade funcionava no regime de oferecer as mesmas disciplinas do básico para todas as engenharias, então os alunos de Elétrica se misturavam com os de Civil, com outras engenharias. Ou seja, as salas eram exatamente assim: muitos homens e quase nenhuma mulher. Eu vendo isso então, já estava acostumado com o Redentorista. E eu lembro que persistia essa ideia de que a carreira da área tecnológica era adequada para os homens e as mulheres eram quase que intrusas nesse processo. Na sequência dos anos, eu tenho a impressão, foi aumentando o volume de ingressas, agora o Redentorista era basicamente isso. Eu não sei quanto às mulheres, agora havia de nossa parte sempre houve, uma relação respeitosa, amistosa. Que eu lembre, nunca tenha se dado nenhum conflito, nenhuma expressão assim preconceituosa, explícita, não sei. Então as mulheres conviviam bem conosco e vice versa. Sim, de algum modo, sim, comparado com os alunos secundaristas. Mas as meninas tinham essa coisa, extra, quer dizer, além de serem do Redentorista eram mulheres tecnólogas. A época tenho impressão que a mais avançada das ciências era eletrônica, a questão dos circuitos. Então uma mulher entender disso, uma mulher ser capaz de montar um circuito, de fazer um projeto, era uma coisa espetacular. Eu acho que, nesse ponto, elas gozavam desse glamour e elas faziam efetivamente as próprias disciplinas exigiam projetos. então eu acho que isso terminou criando essa aura em torno das alunas do Redentoristas, pelo menos a minha turma. Eu lembro pelo que era evidente à época, eletrônica era a ciência de ponta, então as aplicações de eletrônica aqui na cidade havia. (Oscar de Lira Carneiro, entrevista cedida em 20/04/2011).

A menção feita por Oscar acerca do preconceito por parte dos alunos em relação às alunas se evidencia quando o próprio narrador afirma que as mulheres “eram menos preparadas para lidar com eletrônica, com a área tecnológica de um modo geral”. Essa era uma leitura sobre a participação feminina no respectivo curso que se dava da parte das próprias alunas como dos alunos, assim como pelos professores duvidosos da capacidade feminina na área tecnológica. Contradizendo assim, a interpretação de Rita de Cássia, ao afirmar em sua narrativa que não havia nenhuma ressalva discriminatória com relação às alunas da ETER, pois segundo “[...] o que importava era a competência mostrada pelas alunas nas notas”, perdendo-se de vista as diferenças de gênero.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

É importante ressaltar que a declaração acima é realizado por um ex-aluno, contrapondo-se às versões apresentadas pela coordenadora pedagógica, pelo padre Cristiano, que participou ativamente dos anos em estudo, por Manoel do Carmo, que contribuiu com as aulas de laboratório na ETER nas décadas de 1970-1980.

O preconceito referido por Oscar se encontra com as análises realizadas por Fany Tabak (2002). A pesquisa da autora acerca da participação feminina na universidade em cursos tecnológicos mostra a incipiente presença de mulheres nas áreas de conhecimentos como engenharias, matemática, física, química. Segundo a autora, apesar do crescimento vertiginoso de estudantes nas universidades, ainda nas décadas de 1970-1990, os concursos vestibulares prestados por mulheres eram as áreas de ciências humanas e sociais, tradicionalmente associadas ao feminino.

Essa autora salienta que o quadro significativo da participação feminina em cursos de humanas, oposto do que ocorre na área das ciências exatas concerne à persistente existência de estereótipos na educação, bem como ao sexismo ainda exacerbado em uma sociedade sexista, apesar da mudança de comportamento feminino transcorrida ao longo dos anos (TABAK, 2002).

Segundo seu pensamento, evidencia-se ainda nas décadas de 1970-1990, o expressivo número de mulheres no segundo grau, realidade distinta dos cursos profissionalizantes em áreas tecnológicas. Na concepção de Fany Tabak há dois obstáculos que impedem o crescimento da participação feminina nas áreas das ciências e tecnologias, traduzidos na falta de infraestrutura e na insegurança por parte das próprias mulheres quanto a sua capacidade e aos seus direitos no avanço profissional em campos de conhecimentos ocupados predominantemente por homens (TABAK, 2002).

Essa incipiente participação feminina no campo das ciências e tecnologias existente nas décadas de 1970-1990 é confirmada na citação a seguir:

Dorothea Gaudart, professora emérita da Universidade de Viena, redigiu o texto contendo as recomendações dessa reunião preparatória, e que estão publicadas no livro mencionado acima. Segundo ela, houve avanços significativos desde que a UNESCO chamou a atenção para a necessidade de se promover medidas capazes de ampliar a participação feminina no campo da Ciência e da Tecnologia ainda em 1954. Conseguir atingir esse objetivo implicaria em recomendar aos governos dos países membros da Organização das Nações Unidas a adoção de políticas públicas relativas ao sistema educacional vigente no país, de modo a

3107





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

conciliar encargos familiares com encargos profissionais, bem como equilibrar o orçamento de tempo. Mas também, e principalmente, introduzir mudanças estruturais na própria comunidade científica, nos níveis nacional, regional e internacional. Segundo Gaudart, as mudanças no sistema educacional são muito lentas, embora a UNESCO já tivesse identificado problemas existentes na educação das meninas há pelo menos 40 anos (TABAK, 2002, p.41).

Como demonstrado pela pesquisadora Fany Tabak, em o Laboratório de Pandora (2002), no final do século XX as mulheres brasileiras vivenciaram experiências particulares e coletivas de lentas conquistas em relação a sua crescente participação na educação profissional em áreas distintas das ciências humanas.

Nossa pesquisa sinaliza que, a partir de 1974, o governo militar priorizou a educação como mola mestra para o desenvolvimento econômico do país, contribuindo com cidades equidistantes dos centros metropolitanos, como Campina Grande, na Paraíba. Entretanto, isso não se mostrou suficiente, para fazer avançar a participação feminina no campo tecnológico..

Com isto, diferente do que Tabak mostra, apesar da implementação de políticas públicas que favoreçam, mesmo que parcialmente a educação profissional mista, criando uma certa infraestrutura para a criação de escolas de formação profissional, como a ETER, voltada para as ciências e tecnologias, ainda é incipiente a participação feminina nesse âmbito. As poucas mulheres que furam as fronteiras sexistas experimentam no cotidiano das escolas, relações de gênero permeadas por separações entre o feminino e o masculino e a constante necessidade da imposição do seu potencial intelectual como passaporte para o seu reconhecimento e a sua aceitação social. Apesar da ETER admitir em seus quadros mulheres e homens, as mulheres vivenciavam cotidianamente assimetrias de gênero, buscando sempre o aval da competência para justificar suas presenças.

Conforme observado por Perrot (2007), muitas fronteiras ainda intransponíveis foram negociadas no cotidiano escolar destas mulheres, sejam jovens como na ETER, sejam as mais experientes ingressando nos níveis universitários. Fronteiras demarcadas por histórias de relações de gênero permeadas por segregações, preconceitos em relação ao potencial feminino quanto à aprendizagem e as prática de conhecimentos ligados à tecnologia

Em nosso estudo da ETER tratamos com histórias de ex-alunos e ex-alunas que compartilharam durante três anos de suas vidas experiências de relações tecidas por poder e

3108





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

estratégias que perfilavam os lugares sociais dos sujeitos em curso. Jovens advindos das camadas médias e pobres da cidade de Campina Grande e de outras localidades que já compartilhavam o modelo sexista de delimitação dos papéis profissionais vivenciados pelas mães e pelos pais.

À luz das narrativas de ex-alunos e ex-alunas ETER compreenderemos a seguir as estratégias de padre Pitíá com vistas à “educação para a liberdade”. Educação esta produzida por meio da racionalidade técnica, misturada ao humanismo, assim como os usos dos estudantes nos diversos lugares da escola, significados pelas práticas permeadas pelo fazer e saber embebidos pelos padrões normativos da competência, difusos na cultura escolar propagada.

Referências

AGRA do Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel:** projetos de educação, projetos de cidades- Campina Grande (1959). Campina Grande: EDUFCG, 2006.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: (Organização) Carla Bassanezi Pinsky. **Fontes históricas**. 2. Ed. São Paulo: contexto, 2010, p. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: redemoinhos que atravessam os monturos da memória. In: **História a arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da história. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007, p.85-96. (Coleção História).

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres na educação:** missão, vocação e destino? A feminilização do magistério ao longo do século XX. In: Dermeval Saviane (et al.) O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).

DELGADO, Andrea Ferreira. **Destino de Gênero:** a educação de mulheres na Escola de Artes e de Ofícios Santa Terezinha, 1994, 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 1994.

DIAGNÓSTICO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE. PB, 1952-2002. Campina Grande, 05/12/2008.

JUCÁ, Mario Cesar. **A reforma da educação profissional a partir da Lei N 9394/96:** tendências e perspectivas no CEFET-AL. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

JULIA, Dominique. **A Cultura escolar como objeto histórico.** (Tradução) Gizele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas-SP: 1º NÚMERO – 2001, Editora Autores Associados.

KUENZER, Acácia Zeneida, **Educação e trabalho no Brasil;** o estado da questão. Brasília: INEP/MEC, 1987.

LACERDA, Hortência de Oliveira. **A relação educação e trabalho:** um estudo de caso do projeto cooperar-Aracajú-SE. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, Aracaju- SE, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura.** Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Editora 2002.

MELO, Clarice Nascimento de. **Participação de mulheres na história da escola mista no Pará-1870/1901.** Tese de doutorado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2008.

NUNES, Maria Lúcia da Silva, MENEZES, Cristiane Souza de. A Mulher e a Educação pelos fios da Memória. In: MACHADO, Charliton José dos Santos, NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org.). **Educação e educadoras na Paraíba do século XX:** práticas, leituras e representações. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2009.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

PELLAUER, David. **Compreender Ricoeur**. Petrópolis, R. J: Editora Vozes, 2009.

PEREIRA, Maria do Socorro. **Família e Trabalho na Construção de Identidade Feminina: um estudo profissional qualificada de Campina Grande**, 2001, 180f. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Sociologia)Universidade Federal da Paraíba, 2001.

PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. **O ensino profissionalizante de 2 grau: a elitização da Escola Técnica Federal da Paraíba (ETFPB)**, de 1988 a 1992, 1995, 175f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1995.

_____. **Gênero e trabalho nas telecomunicações: o olhar das mulheres com formação técnico- profissionalizante**, 2001. 181f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2001

PERROT, Michelle. As mulheres ou o silêncio da história. RIBEIRO, Viviane. (org.). In: **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. (Tradução) Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: contexto, 2007.

REVISTA Campinense de Cultura. Ano III, N°7, marco de 1966, p.23-30.

REVISTA do Ensino Publicação Trimestral. Ano I, julho de 1932, N 2, João Pessoa N884., p.1.

Revista o Cruzeiro. **CAMPINA Grande, capital econômica da Paraíba**. In: Revista O Cruzeiro. Ano XL, N 47. Campina Grande: 23 de novembro de 1968.

REVISTA RODA VIVA. Órgão informativo da vice Província Redentorista do Recife, CSSR Recife-PE. Ano 13, N61, maio de 1993, p. 2-4.

RIBEIRO, Maria Alice. O ensino industrial: memória e história. (Org.) Maria Stephnou, Maria Helena Camara Bastos. In: **História e Memórias da educação no Brasil**. Vol. III: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

RIBEIRO, Maria Luísa. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 16 Edição Revista e Ampliada. Campinas, SP: autores Associados. 2000. (Coleção Memória da Educação).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. (Tradução) Alain François[ET.al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Andréa Gabriel Francelino. **Educar para o lar educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na escola doméstica de Natal** Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RODRIGUES, Cleide Aparecida Faria. **Sociologia: consensos e conflitos**. Rita de Cássia da Silva Oliveira(Organizadora). Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

ROSSI, Wagner Gonçalves. **Pedagogia do trabalho**. raízes da educação socialista. São Paulo: Moraes, 1981.

RUBIO, Maria José, VARAS, Jesús. **El análisis de la realidad, em la intervenciom social: métodos y técnicas de investigacion**. Madri: Editoria CCS.

RUSSEL, J.B. **História da feitiçaria**: Feiticeiros, hereges e pagões. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

RUTHERFORD, Jonathan. **A place called home: Identity and the cultural politics of difference**. London: Lawrence & Weshart, 1990.

SALM, Cláudio. **Escola e trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANDER, Benno. **Educação brasileira: valores formais e valores reais**. São Paulo: Pioneira, 1977.

SANFELICE, José Luís. Estado e política educacional. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Temas de pesquisa em educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 2ª edição, São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Política e educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Projeto “20 anos do HISTEDBR”. Campinas, 25 de agosto de 2005.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Populismo, ditadura e educação**: Brasil/Paraíba, anos 1960. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SILVA, Itan Pereira da. **Edvaldo do Ó**: um tropeiro da Borborema/Itan Pereira da Silva-Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande; Fundação Edvaldo de Souza do Ó, Edições Caravela, 1999, (páginas 34-40).

SILVEIRA, Maria Luiza Faraone. **A educação no pensamento brasileiro contemporâneo**: 1955- 1979. Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1986

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organizador Evaristo de Moraes Filho; [tradução de Carlos Alberto Pavanelli...et al]. São Paulo: Ática, 1983.

TABAK, Fanny. **O Laboratório de pandora**: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

VIDAL, Diana Gonçalves, FARIA FILHO, Luciano Mendes. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). In: Revista Brasileira de História. **O ofício do historiador**. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol.23, N. 45, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. 2 ed.. Belo horizonte: Autêntica, 2005.

WATIER, Patrick. **Uma introdução à sociologia compreensiva**. Tradução Débora de Castro Barros. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

WEBER Max. Sociologia. In: COHN, Gabriel (Org.). Coleção **Grandes cientistas sociais**. São Paulo: Ática Editora, 1989.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. (Tradução M. Irene de Q. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi). São Paulo: Editora Pioneira, 1967.

WILLIAMS, Raymond. **Um vocabulário de cultura e sociedade**. (Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos). São Paulo: Boitempo, 2007.

Artigos de Jornais

A integração da mulher no ritmo de desenvolvimento. Diário da Borborema, 22/11/ 1975.

Entrevistas

Entrevista cedida pelo padre Cristiano Joosten em 11/03/2011;

Entrevista cedida pelo padre Tiago de Melo Correia, atual diretor da escola, em 11/03/2011;

Entrevista cedida por Rita de Cássia Porto, primeira coordenadora pedagógica da escola Técnica Redentorista, em 15/03/2011;

Entrevista cedida por Oscar, ex-aluno ETER que concluiu o curso técnico em Eletrônica, no ano de 1982 em 20/04/2011.

